

**PEDAGOGIAS CULTURAIS E AS NOVAS TECNOLOGIAS: O JOVEM
ASSASSINO NA MINISSÉRIE ADOLESCÊNCIA**

**CULTURAL PEDAGOGIES AND NEW TECHNOLOGIES: THE YOUNG KILLER
IN THE ADOLESCENCE MINISERIES**

**PEDAGOGÍAS CULTURALES Y NUEVAS TECNOLOGÍAS: EL JOVEN ASESINO
EN LA MINISERIE ADOLESCENCIA**

 <https://doi.org/10.56238/arev8n3-043>

Data de submissão: 09/02/2026

Data de publicação: 09/03/2026

Rizia Ferrelli Loures Loyola Franco

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Professora na Unicesumar

E-mail: riziafalcon@gmail.com

Abner Rodrigo Aparecido de Oliveira

Graduando em Gestão de Recursos Humanos

Instituição: Anhanguera Educacional

RESUMO

As pedagogias culturais sobre as masculinidades circuladas nos artefatos culturais midiáticos (re)produzem estereótipos da masculinidade hegemônica e como alternativas a masculinidade subalterna diante das mudanças sócio-históricas nas configurações entre gênero, classe social e sexualidade. Este artigo, fundamentado nos Estudos Culturais, nos Estudos de Gênero e na Teoria das Representações Sociais, objetivou analisar as pedagogias culturais sobre as masculinidades do protagonista da minissérie Adolescência (2025) veiculada pelo serviço de streaming Netflix. A pesquisa foi delineada como documental com auxílio do método de Análise de Conteúdo. A partir da análise sobre as pedagogias culturais nas falas do protagonista, foram discutidas suas masculinidades, mas ainda no sistema de dominação dos homens sobre as mulheres. Evidenciou-se ainda as novas tecnologias influenciando suas masculinidades, o que terminou em um homicídio praticado pelo próprio protagonista. Os resultados constataam, portanto, que essas masculinidades convergem para práticas a serem propostas no ambiente escolar que preconizam transformações tanto individuais quanto coletivas e políticas educacionais para vivenciar, experimentar e visibilizar formas de masculinidades e feminilidades distanciadas da masculinidade hegemônica.

Palavras-chave: Artefatos Culturais Midiáticos. Pedagogias Culturais. Masculinidades.

ABSTRACT

The cultural pedagogies on masculinities circulating in media cultural artifacts (re)produce stereotypes of hegemonic masculinity and, as alternatives, subordinate masculinity in the face of socio-historical changes in the configurations between gender, social class, and sexuality. This article, based on Cultural Studies, Gender Studies, and the Theory of Social Representations, aimed to analyze the cultural pedagogies on masculinities of the protagonist of the miniseries Adolescence (2025) broadcast by the Netflix streaming service. The research was designed as documentary with the aid of the Content Analysis method. From the analysis of the cultural pedagogies in the protagonist's speeches,

his masculinities were discussed, but still within the system of male domination over women. It was also evidenced how new technologies influence his masculinities, which ended in a homicide committed by the protagonist himself. The results therefore confirm that these masculinities converge towards practices to be proposed in the school environment that advocate for both individual and collective transformations, as well as educational policies, to experience and make visible forms of masculinities and femininities distanced from hegemonic masculinity.

Keywords: Media Cultural Artifacts. Cultural Pedagogies. Masculinities.

RESUMEN

Las pedagogías culturales sobre las masculinidades que circulan en los artefactos culturales mediáticos (re)producen estereotipos de masculinidad hegemónica y, como alternativas, subordinan la masculinidad ante los cambios sociohistóricos en las configuraciones entre género, clase social y sexualidad. Este artículo, basado en Estudios Culturales, Estudios de Género y la Teoría de las Representaciones Sociales, tuvo como objetivo analizar las pedagogías culturales sobre las masculinidades del protagonista de la miniserie Adolescencia (2025), emitida por el servicio de streaming Netflix. La investigación se diseñó como documental con la ayuda del método de Análisis de Contenido. A partir del análisis de las pedagogías culturales en los discursos del protagonista, se discutieron sus masculinidades, pero aún dentro del sistema de dominación masculina sobre las mujeres. También se evidenció cómo las nuevas tecnologías influyen en sus masculinidades, lo que culminó en un homicidio cometido por el propio protagonista. Por lo tanto, los resultados confirman que estas masculinidades convergen hacia prácticas propuestas en el ámbito escolar que abogan por transformaciones individuales y colectivas, así como por políticas educativas, para experimentar y visibilizar formas de masculinidades y feminidades distanciadas de la masculinidad hegemónica.

Palabras clave: Artefactos Culturales Mediáticos. Pedagogías Culturales. Masculinidades.

1 INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação estão presentes em nossas vidas ao transitarmos do rádio para o jornal, depois para o telefone, da televisão ao rádio, para o cinema e, atualmente, para a Internet. Diante dessa presença cotidiana, as novas tecnologias moldam a realidade ao fornecer critérios, referências, valores, gostos e reflexões para o indivíduo e sua interpretação do mundo, que também sofre influências do senso comum e dos estereótipos criados culturalmente e ressignificados nas mídias.

A minissérie ficcional *Adolescência* (2025) foi escrita, no Reino Unido, mas concentra os problemas escolares enfrentados na contemporaneidade, como no Brasil. Na co-autoria de Stephen Graham (que também interpreta *Eddie Miller*, o pai do protagonista) e Jack Thorne, dirigida por Philip Barantini. O diretor e Graham trabalharam juntos na produção *O Chef* (2022), obra também filmada em plano de sequência - técnica utilizada em toda a série da presente pesquisa.

O artefato cultural, filmado com a técnica intensa de plano-sequência, foi gravado sem cortes ou interrupções. Esse formato do audiovisual possui similaridade com o teatro, pois exige uma atuação sem erros nas falas e sem problemas de continuidade da cena. “[...] Um plano-sequência é estabelecido quando toda a ação de uma sequência, ou seja, uma cena completa, é registrada de uma vez só, sem que cortes amarrem diferentes ângulos de captação”, conforme explica Gelli (2025). A crítica publicada em *Plano Crítico*, por Kevin Rick, caracteriza a minissérie *Adolescência* (2025) como um drama psicológico centrado na dificuldade de ser pai na atualidade, na violência escolar e nos problemas da família e de professores.

Em entrevista, o coautor Jack Thorne explana o processo de como sentiram a necessidade de elaborar uma obra sobre os temas como as motivações de um homicídio, a raiva da masculinidade, a ajuda dos pais e dos amigos na formação humana, apontar um sistema escolar deficiente, como também “[...] um programa sobre garotos que odeiam garotas e sobre crimes com facas, que são um grande problema aqui no Reino Unido”. [...] Além de [...] ‘por que matou?’, “[...]. E pelas ideias que consumiu” (Casaletti, 2025).

O outro coautor que também faz o pai do protagonista revelou, em entrevista, uma de suas motivações para o enredo dramático, criminoso e de suspense do artefato cultural. Nesses últimos anos, ocorreu “[...] um incidente em que um menino [supostamente] esfaqueou uma menina. Isso me chocou. Eu estava pensando: ‘O que está acontecendo na sociedade quando um menino esfaqueia uma garota até a morte?’ E então aconteceu de novo, e aconteceu de novo, e eu realmente queria esclarecer isso e perguntar: ‘Por que isso está acontecendo hoje?’” (Melo, 2025).

Portanto, embora não se refira a um caso específico, o artefato analisado neste trabalho expressa a indignação de seus autores diante do aumento dos casos de violência contra meninas que efetivamente ocorreram no Reino Unido e no País de Gales. Em 2024, o Conselho Nacional de Chefes de Polícia (*National Police Chiefs' Council*, NPCC) e o Colégio de Polícia (CoP) na Declaração Nacional de Policiamento sobre a Violência contra Mulheres e Meninas (*Violence Against Women and Girls*, VAWG) constataram, segundo Jo Coles (2024), vice-prefeita de York e North Yorkshire para Policiamento, Bombeiros e Crime:

Foram registrados mais de um milhão de crimes contra mulheres e meninas entre 2022 e 2023, ou seja, 20% dos casos policiais registrados; Infelizmente, houve um aumento de 37% dos crimes que envolvem violência praticados contra mulheres e meninas no período entre 2018 e 2023. A estimativa é que pelo menos 1 mulher em cada 12 será vítima de violência por ano; 1 em cada 6 homicídios foram relacionados à violência doméstica entre 2022 e 2023 e o abuso e exploração sexual infantil aumentou em mais de 400% entre 2013 e 2022.

Quando se observa especificamente a situação de meninas em idade escolar, dados do relatório Pesquisa e Análise: Revisão do abuso sexual em escolas e faculdades conduzido pelo *Office for Standards in Education* (OFSTED, 2021), direciona para uma avaliação de como as instituições escolares protegem e enfatizam a promoção do bem-estar de seus estudantes; quais são as medidas para a implementação de um currículo que inclua a educação sobre relacionamentos, sexo e saúde. Nessa perspectiva, práticas contra abuso sexual, *cyberbullying* e pornografia; direcionamentos para a proteção de crianças multissetoriais entre escolas, universidades, serviços sociais das autoridades locais, policiamento, prestação de serviços de saúde entre outros parceiros, pais e partes interessadas, como os privados, por exemplo; verificar o sistema de proteção ao ouvir as vozes de crianças e adolescentes vítimas de abusos sexuais em diversos espaços.

Dentro da pesquisa temática, sobressaem dados alarmantes como a incidência do assédio sexual e do abuso sexual online entre as crianças e jovens. Essa naturalização de forma tão expansiva que não consideram oportuno denunciar os algozes. A recomendação é que as instituições trabalhem com uma dimensão multissetorial como se o assédio sexual e o abuso sexual online fossem verídicos, mesmo sem relatos evidentes.

Esse conjunto de exemplos enfatizam a relevância do desenvolvimento de uma pedagogia do olhar que permita o acesso a representações sociais, por vezes circulantes nos artefatos culturais, em um processo de formação das identidades de meninos, meninas e jovens como preconizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017, p. 432) que, sugere a discussão das “[...] diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de

preconceito e violência”. Consideramos essa lacuna política educacional importante para os profissionais da área da Educação discutirem temas ainda considerados delicados para a escola por parte da sociedade brasileira.

A violência como problema social e de saúde pública necessita de abordagem no ambiente acadêmico e escolar para ser combatida com diálogo e responsabilidade social. Conceituada por Minayo e Souza (1997) como prática intencional de um indivíduo, grupos e instituições direcionadas a outro que acarreta morte, prejuízos físicos, sociais, psicológicos e espirituais, acrescida da definição de Santos (1996), como um dispositivo de dominação, tanto de práticas na sociedade quanto no ambiente virtual pela coesão ou força destoantes de cidadania.

Compreendemos que os Estudos Culturais transita em diversas áreas acadêmicas iniciadas pelos britânicos. Escosteguy (2008) contribui para esse campo de estudos ao abordar que existia uma agenda que consistia na compreensão das relações sociais de poder, aspectos econômicos, políticos, ideologias e resistências. Isso significa que esses estudos iniciaram para a compreensão de que a cultura não é um campo neutro, mas uma arena nos meios de comunicação, de disputas de interesses, (re)produções, negociações e representações e a construção de identidades.

Nesse sentido de disputas, a educação, conforme Giroux (1995), é um ato intencional e dotado de objetivos e valores sociais. Isso significa que, ao interagirmos com um artefato cultural, como os meios de comunicação, o aprendizado obtido resulta em partes de uma intencionalidade, de quem o produz e o distribui. Deixamos de ser meros apreciadores da cultura para nos tornarmos espectadores, ao transmitir valores, comportamentos e formas de ser e (con)viver. O autor parte da ideia de que uma suposta *verdade* ou *realidade* é interessada, como uma narrativa elaborada previamente por determinado grupo que serve para veicular saberes e favorecê-los com essas representações.

Nesse sentido de transversalizar os Estudos Culturais, Estudos de Gênero e a Psicologia Social das representações sociais (Moscovici, 1978; Jovchelovitch, 2008), a proposta consiste em verificar as conexões entre representações sociais e a mídia. O comprometimento com práticas elencadas nos objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2015), no Brasil, inserem a o enfrentamento à violência contra as mulheres e meninas no público e privado e orienta o uso de tecnologias de informação e comunicação para promover o empoderamento delas.

2 METODOLOGIA

Este presente artigo, de abordagem qualitativa, procura analisar pelos Estudos Culturais as pedagogias culturais que circulam entre as representações sociais sobre as masculinidades e as feminilidades na minissérie como um artefato cultural. A escolha de *Adolescência* justifica-se pela sua

relevância cultural e histórica ao (re)construir em uma narrativa a influência das pedagogias culturais na (de)formação da juventude. O corpus de análise é a minissérie *Adolescência*. Para a análise, foram examinados elementos como a construção narrativa, as personagens, os diálogos, os recursos audiovisuais (incluindo a técnica de plano-sequência), e os processos psicossociais nas interações intersubjetivas e interobjetivas, como as virtuais. A pesquisa encontra-se em desenvolvimento e apresentaremos as primeiras análises.

Para a análise das representações sociais, o método de Análise de Conteúdo (AC) formulado por Laurence Bardin (1977) foi escolhido pois contempla múltiplos registros de comunicação humana, desde escritas pessoais até entrevistas e informações veiculadas pela mídia. Este tipo de análise é favorável à identificação de estereótipos e preconceitos compartilhados que orientam as relações sociais de indivíduos e grupos em determinado contexto. A análise de documentos possibilita ainda sua manipulação pelo pesquisador a fim de selecionar, classificar, evidenciar e interpretar as representações contidas nesses registros (Franco, 2022; 2022b).

Ao nos amparar em Guacira Louro (2016), inferimos que as mulheres experimentam diversas representações sociais sobre as feminilidades diferentes da feminilidade hegemônica e que, muitas vezes, não são legitimadas como “mulheres de verdade”. Retomamos um estudo de Robert W. Connell (1995), no qual desenvolveu o argumento de que a feminilidade hegemônica era subordinada à masculinidade hegemônica.

Essa masculinidade, por sua vez, correspondia a que dominava as demais formas de existir e relacionava-se à heterossexualidade e ao homem branco (Giddens, 2001; Silva, 2017), com instrução formal, cristão, que fazia parte dos grupos mais abastados economicamente (Silva, 2017), como também valorizava o casamento e o trabalho como provedor (Giddens, 2001).

Busca-se, a partir dessa vertente, compreender como o artefato cultural midiático produz e (re)produz sentidos, e como esses são negociados, sofrem resistências ou são impostos. Esses estudos, iniciados no século XX, abriram caminho para entendermos as pedagogias culturais, ou seja, como a cultura atua como um "professor" informal, influenciando o aprendizado e as visões de mundo entre a formação de meninos e meninas escolarizados.

A presente pesquisa analisa a minissérie *Adolescência*, veiculada e distribuída pelo serviço de *streaming Netflix* a partir de 13 de março de 2025 ao buscar compreender as pedagogias culturais que veiculam representações sociais acerca das relações sociais de poder entre as masculinidades e as feminilidades e como a narrativa dramatiza essas relações de gênero online e no espaço escolar.

No âmbito deste trabalho, a minissérie é compreendida como um artefato cultural que circula pedagogias culturais relacionadas à violência *extrema* contra as meninas entre a escola e as redes

sociais. Busca-se analisar como a minissérie *Adolescência* (2025) atua, enquanto artefato cultural, ao propagar pedagogias culturais vinculadas às complexas e agressivas vivências psicossociais que colaboram para as representações sociais construídas sobre e contra as feminilidades, particularmente, naquelas objetivadas pelo protagonista da narrativa no episódio 3.

3 ENTRE A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E A MASCULINIDADE SUBALTERNA

Embora o nome da cidade não seja citado, sabe-se que a narrativa está localizada em uma cidade inglesa, perceptível tanto pelos sotaques dos personagens quanto pelos elementos visuais apresentados. A família *Miller* reside em um bairro composto por *terraced houses* (casas geminadas em fileiras), com fachadas semelhantes, muito comuns em áreas urbanas do Reino Unido. A cidade aparenta tranquilidade, sem indícios explícitos de elevada criminalidade.

Jamie é um adolescente branco, estudante, inserido em um contexto familiar aparentemente estável e pertencente ao grupo social da trabalhadora urbana inglesa. Ao longo da narrativa, é retratado como um jovem introspectivo e socialmente deslocado, cuja construção subjetiva é marcada por inseguranças, dificuldades de comunicação emocional e pela busca por pertencimento entre seus pares. As suas representações sociais sobre as masculinidades oscilam entre a vulnerabilidade da adolescência e comportamentos que revelam imaturidade emocional, aspecto central para a compreensão dos acontecimentos que estruturam a minissérie. Além de *Jamie*, outras personagens são fundamentais para o desenvolvimento da narrativa.

Eddie Miller, pai de *Jaime*, é um homem branco e tem 49 anos quando ocorre o incidente envolvendo o filho, informação inferida a partir do último episódio, que se passa na ocasião de seu 50º aniversário. *Eddie* é retratado como um pai provedor e sua família parece viver de acordo com os moldes do *British way of life*. Ele possui um negócio próprio chamado *Miller Plumbing* - “Encanamento Miller”, em tradução literal. No episódio 3, *Jamie*, ao falar sobre o trabalho do pai, afirma que “ele conserta privadas”, descrição que evidencia a natureza manual e cotidiana da ocupação exercida pelo pai.

A mãe de *Jamie*, *Amanda Miller* (Christine Tremarco) é uma mulher branca, aparentando ter cerca de 40 anos. Sabe-se pouco sobre sua trajetória pessoal ao longo da narrativa; contudo, observa-se que ela exerce atividade profissional fora do ambiente doméstico, contribuindo para a condição econômica familiar. *Eddie* e *Amanda* são pais também de *Lisa Miller* (Amelia Pease), cuja presença reforça a configuração de uma família nuclear tradicional, composta por pai, mãe e dois filhos.

Outra personagem central para o desenvolvimento da trama é *Katie Leonard* (Emilia Holliday), a garota que *Jamie* é acusado de ter assassinado. Não vemos interações diretas de *Katie*, uma vez que

a série se inicia após sua morte; quase tudo o que sabemos sobre ela é apresentado por meio dos relatos de *Jamie* no terceiro episódio, os quais, evidentemente, são mediados por sua perspectiva. A série também apresenta *Jade*, melhor amiga de *Katie*, que se mostra profundamente abalada com a morte da amiga.

Destacam-se ainda o investigador (Ashley Walters), responsável por conduzir a investigação e desvendar os fatos e a psicóloga *Briony* (Erin Doherty), que busca compreender as representações sociais do jovem. Esses indivíduos são fundamentais para a construção da narrativa, cada um contribuindo com uma faceta distinta para a complexidade do enredo. A seguir, a descrição sucinta da minissérie apresentada em quatro episódios.

A narrativa ao longo de quatro episódios possui como foco um período distinto após o crime. No episódio 1, a polícia arromba a casa da família *Miller*, levando o adolescente *Jamie* preso. São apresentados diversos procedimentos na delegacia de política e a seu depoimento na presença de seu pai, *Eddie Miller* e de um advogado. Ao ser interrogado, ele insiste que não cometeu o crime. Ao longo do episódio, o suspense permanece se o jovem acusado é mesmo o culpado pelo crime.

No episódio 2, os dois investigadores procuram vestígios do crime na escola e são abordados temas como *bullying* e elementos da masculinidade violenta (re)forçados e incentivados nos grupos virtuais. No episódio 3, *Jamie* está em uma sessão com a psicóloga *Briony* (Erin Doherty) antes de ser julgado. Elementos como sofrer *bullying*, problemas com a baixa estima e misoginia são apresentados como constituintes da identidade do jovem. No início ele não participa, mas acaba manifestando seus afetos com relação a *Katie*, sua colega que assassinou. No último episódio, a família *Miller* comemora o aniversário de *Eddie* (pai de *Jamie*) procurando certa normalidade na ocasião ao lidarem com seus afetos e a agressividade de outros jovens da cidade que depredam seu carro e o perseguem.

O episódio 3 da obra *Adolescência*, apresenta os motivos pelos quais direcionaram *Jamie* a cometer o crime e possibilita localizar as ancoragens das representações sociais sobre as feminilidades da colega. “Este é o episódio mais bem avaliado no IMDB, com nota 9,3 (a série toda tem 8,4, considerada alta para os padrões do site), sugere Ribeiro (2025). *Jamie Miller*, um garoto de 13 anos foi acusado de um assassinato brutal de sua colega *Katie Leonard*.

No episódio 3, *Jamie* está em um centro de detenção para jovens infratores, sete meses após o acontecimento do crime. Neste momento, ele tem uma conversa com *Briony*, a psicóloga que tem como função a tentativa de compreender as representações sociais de *Jamie* e buscar motivações para o crime do qual é acusado. *Briony* fica a sós com *Jamie* e lhe entrega chocolate quente e um sanduíche para em uma sala onde se passa quase todo o episódio. Este é o segundo encontro entre os dois e

Briony é a segunda psicóloga a conversar com *Jamie*, fato que é corroborado nas inúmeras vezes em que ele a compara com seu antecessor.

A longa conversa entre os dois personagens é repleta de momentos intensos. *Jamie* começa de modo tranquilo e colaborativo, mas muda de humor à medida que a conversa procura profundidade afetiva. Ele começa a gritar, xingar e, violentamente, arremessa uma cadeira e o chocolate quente para longe e tenta, mais de uma vez, intimidar *Briony*, que, em um determinado momento, precisa fazer uma pausa desse diálogo conflituoso.

No referido episódio, o protagonista *Jamie* verbaliza, pela primeira vez, o termo *incel*. O adolescente é questionado pela psicóloga *Briony* (Erin Doherty) sobre o significado dos *emojis* que *Katie* comentou em suas publicações da rede social *Instagram* como o print da Figura 1: “Ela (Katie) está fingindo que eu faço parte dessas comunidades [...]”. As que dizem que as mulheres não estão nem aí pros homens”. O criminoso continua a dizer que não faz parte dessas comunidades, mas que os jovens ficavam relatando “essa coisa de *incel*”.

Figura 1. Jamie e a psicóloga



Fonte: *Adolescência* (2025)

A introdução ao termo *incel* constitui um marco na narrativa. *Briony* questiona *Jamie* sobre o significado dos *emojis* que *Katie*, personagem vítima do assassinato, posta nas fotos dele no *Instagram*. *Jamie* explica que a colega estaria insinuando que ele é um *incel*, palavra utilizada para designar homens sexualmente frustrados (Mooney, 2025). Esse termo, ainda desconhecido por muitos, denomina uma comunidade virtual marcada por discursos misóginos, pela crença na supremacia masculina e, em alguns casos, associada a ideologias extremistas. Os discursos de frustração individual se tornam comunidades de ódio às mulheres (re)produzidos nesses espaços virtuais e ultrapassam o ambiente digital e (re)tornam à comunidade em à diferentes manifestações de violência.

A abreviação de “celibatário involuntário” surgiu, em primeiro lugar, a palavra “invcel” e, depois o termo “*incel*”. O termo, em inglês, corresponde, portanto, a uma junção das palavras

celibatário e involuntário e significava, nesse contexto, uma pessoa que não tivesse experimentado sexo ou que estivesse sozinho por um período. O conceito criado, na década de 1990, por uma jovem em seu site, *Alana's Involuntary Celibacy Project* (Projeto de Celibato Involuntário de Alana) era endereçado para indivíduos com problemas de relacionamento amoroso. No início, seu propósito era um espaço de acolhimento, para leitura de artigos e uma lista de discussão entre homens e mulheres ao abordar solidão (Taylor, 2018).

Quase 15 anos após a criação do site, Alana escutou o termo por Elliot Rodger, um jovem de 22 anos, que matou 6 pessoas a tiros e facadas em Isla Vista, Califórnia, antes de tirar a própria vida. Antes do ocorrido, elaborou um documento de 140 páginas desprezando as mulheres por sua frustração em ser virgem. Depois, em 2018, Alek Minassian, Toronto, Canada, postou e seu Facebook “A Rebelião *Incel* já começou... Salve o Cavaleiro Supremo Elliot Rodger!”. Desde esse período, homens se identificam com o termo e criticam as pessoas sexualmente ativas e ofensivos às feminilidades libertas. Esse ódio pelas mulheres fez com que, em 2017, por exemplo, o site *Reddit*, reduto da comunidade *incel* de mais de 40.000 membros, fosse fechado pelo conteúdo que fomentava a violência (Taylor, 2018).

As comunidades virtuais de celibatários involuntários, *incels*, compreende uma subcategoria da machosfera, movimentos de resistência por homens contra o feminismo e o empoderamento. Essa concepção aborda as masculinidades como vítimas das conquistas feministas com narrativas tóxicas que, em muitas vezes, acarretam a violência contra meninas e mulheres, como no caso da *Katie*. Esses *emojis* possuem um código de *cyberbullying*. A representação de uma dinamite significa uma “pílula vermelha” ancorada na machosfera. O desenho de um “100” faz referência a uma teoria na qual 80% das mulheres se interessam por somente 20% dos homens. Essas simbologias remetem que possivelmente *Jamie* era um *incel* (Kaur, 2025). O investigador e os demais adultos não tinham conhecimento dessa linguagem nas comunidades virtuais que podem associar o protagonista a um isolamento social, baixa estima e o afeto de não ser atraente para as mulheres.

A misoginia não se configura apenas como aversão individual ao gênero feminino, mas como um mecanismo de disciplina, inserido em um sistema opressor. Manne (2018), conceitua a misoginia como a afetividade repulsiva que as mulheres sofrem em um mundo hierarquizado pela masculinidade e, portanto, contrários aos feminismos e Direitos Humanos. O discurso contra a dignidade, depois da igualdade em termos legais, aumentou, pois, algumas mulheres são mais privilegiadas e seguras do que outras ao competirem por posições sociais nas relações sociais de poder.

Nesse contexto, as comunidades *incels* educam para a violência, constituindo-se como uma forma opressiva de pedagogia cultural. As respostas de *Jamie* às perguntas da psicóloga reforçam a

influência desse discurso opressivo, ainda que ele não assuma consumir o conteúdo dessas comunidades e afirma “não ter gostado” do que encontrou nesses espaços virtuais de relacionamento. Mesmo rejeitando, explicitamente, o grupo, *Jamie* relata que *Katie* o teria rotulado como integrante de comunidades de rejeitados e acrescenta que, em sua própria representação social sobre a masculinidade, não seria apenas considerado feio, mas o horroroso entre todos os outros homens. Ele narra ter convidado *Katie* para sair em um momento de extrema vulnerabilidade dela, após o compartilhamento não consentido de suas imagens íntimas entre os colegas da escola.

A recusa da garota, acompanhada da afirmação de que “não estava desesperada assim”, é interpretada por *Jamie* como desprezo. No mesmo diálogo, ao iniciar sua defesa, declara não ter assassinado *Katie*, mas afirma que deveria tê-lo feito, justificando-se ao dizer que “she was a bitch”. A totalidade desse discurso, marcada pela autopercepção de rejeição e pela misoginia expressa, aproxima-se dos padrões identificados nas comunidades *incels*.

Outro momento significativo para a construção das representações sociais sobre as masculinidades de *Jamie* ocorre quando se evidencia a violência à qual ele era submetido no ambiente escolar. *Briony* relembra episódios narrados anteriormente pelo jovem: ele e seu amigo sofriam agressões físicas, recebiam cuspidas, empurrões e rasteiras, o que podemos inferir como masculinidades subalternas a dos praticantes das violências. Nesse sentido, observa-se que desigualdades econômicas e simbólicas permeiam as relações entre estudantes, como ocorre com *Tommy*, alvo de humilhações relacionadas à sua condição econômica e social, e com o próprio *Jamie*, violentado simbolicamente ao ser constantemente rotulado como feio. Ao abordar as consequências do *bullying* na adolescência.

O *bullying* caracteriza-se por ações repetitivas de agressão física e/ou verbal em relações desiguais de poder, enquanto o *cyberbullying* corresponde à prática da crueldade mediada por ambientes digitais. *Jamie* experimenta ambas as formas de violência, sendo alvo de agressões presenciais na escola e de ridicularização nas redes sociais, o que o posiciona como um sujeito vulnerável nesses processos psicossociais. Da Silva (2022) aponta que vítimas podem desenvolver depressão, ansiedade, baixa autoestima e dificuldades nos relacionamentos interpessoais. Tais impactos tornam-se visíveis na narrativa quando *Jamie* se compara aos colegas e afirma ser “o mais feio de todos”.

Ao definir a violência escolar, Priotto e Bonetti (2009) afirmam que ela deve ser entendida como uma construção social resultante das interações entre sujeitos no espaço escolar, envolvendo dimensões internas, externas e institucionais das relações sociais. Assim, a violência não emerge de forma isolada, mas é produzida nas relações cotidianas entre os indivíduos. Diante disso, torna-se

evidente que a minissérie *Adolescência* não apenas aborda a violência escolar, mas aprofunda suas múltiplas dimensões e seus impactos na saúde mental e na formação identitária juvenil. A série opera, portanto, como uma pedagogia cultural, ao revelar como o ambiente escolar e as interações sociais moldam percepções, afetos e comportamentos, contribuindo para a compreensão das dinâmicas sociais que podem culminar em processos de radicalização e violência.

A produção também explora a influência de comunidades misóginas online na constituição subjetiva do protagonista, evidenciando a incorporação de ideias distorcidas acerca das relações de gênero e das interações sociais. Esses discursos têm se expandido em espaços digitais frequentados por adolescentes, ampliando a circulação de narrativas que reforçam ressentimentos e desigualdades de gênero. Desse modo, *Adolescência* provoca reflexões acerca do papel das famílias, da escola e da sociedade diante do sofrimento silencioso vivenciado por muitos jovens.

A compreensão das representações sociais sobre as masculinidades para *Jamie* constitui um ponto central explorado pela psicóloga *Briony*, que o leva a refletir sobre sua relação com o pai, sobre o modelo masculino presente em sua família e sobre suas percepções acerca das mulheres e do desejo. A partir desses diálogos, a série passa a construir representações sociais relacionadas à radicalização juvenil na era digital, marcada pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e pelo acesso precoce a conteúdo online, muitas vezes inapropriado à tenra idade. Além de não se identificar com a masculinidade hegemônica, mas como uma masculinidade subalterna que ainda subordina as feminilidades e, ainda, (re)forçando práticas violentas e criminosas.

4 CONCLUSÃO

Práticas preconceituosas, discriminatórias nas novas tecnologias e, por vezes, violentas, amparadas em estereótipos e sedimentadas em moralidades conservadoras dificultam, mas não impedem as resistências dos movimentos sociais, forças políticas e de direitos dos participantes da guerra simbólica de gênero e sexualidades, como as feministas e toda a luta pelos Direitos Humanos.

Nesse processo, jovens encontram-se em intensa formação afetiva, moral, cívica e política atravessados por valores associados aos Direitos Humanos e à cidadania princípios que, no contexto brasileiro, sustentados pela Constituição Federal, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Base Nacional Comum Curricular e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, incluindo suas atualizações voltadas ao ambiente digital.

No contexto brasileiro, debates semelhantes aos apresentados pela minissérie têm emergido também no campo jurídico. Em 2025, o Supremo Tribunal Federal redefiniu a interpretação do artigo 19 do Marco Civil da Internet ao reconhecer a possibilidade de responsabilização das plataformas

digitais pela manutenção de conteúdos ilícitos em determinadas situações (Brasil, 2025). Esse entendimento parte do reconhecimento de que a circulação em massa de discursos de ódio e conteúdos violentos nas redes sociais (re)produz impactos sobre direitos fundamentais e sobre a convivência democrática, aproximando-se das questões levantadas pela série ao evidenciar que os ambientes digitais funcionam como instâncias produtoras de sentidos, valores e aprendizagens sociais, configurando-se, assim, como pedagogias culturais contemporâneas.

Observa-se ainda um movimento global de regulamentação das plataformas digitais diante do aumento da desinformação, da violência e da radicalização juvenil online. A União Europeia instituiu o *Digital Services Act* (DSA), legislação voltada à remoção rápida de conteúdos ilícitos. O Reino Unido (2023), por sua vez, aprovou o *Online Safety Act*, com foco especial na proteção de crianças e adolescentes no ambiente digital. Essas iniciativas indicam transformações na regulação das redes sociais, que passam a ser reconhecidas não apenas como intermediárias tecnológicas, mas como agentes com responsabilidade social na mediação das interações contemporâneas.

Os meios de comunicação expandem representações sociais sobre as masculinidades, as quais reverberam discriminações, raiva, discurso de ódio e, em casos extremos de violência, mulheres são as agredidas e levadas à óbito. Esses casos extremistas necessitam da urgência de currículos pautados nos Direitos Humanos e na dignidade de nossas crianças e jovens. Ainda a análise das pedagogias culturais que (re)formam machos e não meninos e jovens em formação integral nos aspectos afetivos, cognitivos, sociais, relacionais e biológicos.

Portanto, as representações sociais sobre as masculinidades de *Jamie* são questionadas pela psicóloga em suas relações com o pai e entre o casal familiar. *Jamie* descreve o pai como um homem trabalhador e responsável, mas pouco afetivo, indicando que a relação entre eles não envolve conversas profundas ou demonstrações frequentes de afeto. As verbalizações do garoto sobre as masculinidades do pai estão encoradas tradicionalmente no provedor racional, ou seja, circulam pedagogias culturais que (re)forçam a masculinidade hegemônica como permanente, ainda nos anos 2025, sem reflexões sobre a externalização dos afetos, próprios da humanidade e que, infelizmente, causam reações explosivas de raiva, frustração, violências e criminalidade infringindo o direito de existência de meninas, jovens e mulheres.

A narrativa envolve complexas camadas das representações sociais em processos psicossociais na contemporaneidade e a falta de regulação no ambiente virtual amparados no direito das crianças e jovens. *Jamie* foi influenciado por representações sociais das pedagogias culturais veiculadas com discursos de ódio e comunidades tóxicas no universo virtual sobre e contra as representações sociais das feminilidades distintas da feminilidade hegemônica. A série também expõe as consequências do

cyberbullying e da exposição nas redes sociais, além de abordar a negligência afetiva e a falta de diálogo entre pais e filhos.

O debate sobre o filme, enquanto um artefato cultural, potencializado na escola e em outras instâncias culturais, como os meios de comunicação, sejam *Instagram*, *Facebook*, jogos, blogs e comunidades virtuais, podem suscitar o diálogo entre jovens, pais e professores, como em rodas de conversa, fomentar currículos com Educação Sexual e Afetividade para prevenção de assédios, abusos e violências na escola, nas redes sociais e na sociedade.

REFERÊNCIAS

ADOLESCÊNCIA. Produção: Matricarch Production. Direção: Philip Barantini. Criação: Jack Thorne; Stephen Graham. Reino Unido: Netflix, 2025. online, son., color, minissérie.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. (2017). Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 20 dez. 2021

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. STF. Define parâmetros para responsabilização de plataformas por conteúdos de terceiros. Brasília, DF. (2025). Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/postsnovicias/stf-define-parametros-para-responsabilizacao-de-plataformas-por-conteudos-de-terceiros/>. Acesso em: 28 fev. 2026.

CASALETTI, Danilo. Criador de “*Adolescência*” fala sobre a série: “Explorei cantos obscuros”. CNN Brasil, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/criador-de-adolescencia-fala-sobre-a-serie-explorei-cantos-obscuros/>. Acesso em: 24 fev. 2026.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, jul./dez., 1995.

DA SILVA, Marcos Vinícios Ramos. Consequências do *bullying* na saúde mental dos adolescentes no contexto escolar: revisão narrativa. **Scientia Generalis**, v. 3, n. 1, p. 33-38, 2022.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 87-97, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3014>. Acesso em: 5 mar. 2025.

FRANCO, Rizia Ferrelli Loures Loyola. Representações sociais sobre as feminilidades na série *Coisa mais Linda*: entre estereótipos e resistências. 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022.

FRANCO, Rizia Ferrelli Loures Loyola; CALSA, Geiva, C. Pedagogias culturais: feminilidades de *Thereza* na série *Coisa mais Linda*. **Communitas**, Rio Branco, v. 6, n. 13, p. 195–208, 2022. DOI: 10.29327/268346.6.13-15. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/6011>. Acesso em: 5 mar. 2026.

GIDDENS, A. **Sociologia**. São Paulo: Artmed, 2001.

GIROUX, H. A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995. p.85-103.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. 3ª reim. Petrópolis RJ: Vozes, 2016.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. de. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 4, n.3, p. 513-531, nov. 1997 – fev. 1998.

MOSCOVICI, S. **A Representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ONU. Organização das Nações Unidas. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>. Acesso em: 2 abr. 2025.

SANTOS, J. V. T. A violência como dispositivo de excesso de poder. **Soc. estado**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 281-298, 1996.

SILVA, N. de F. **Dzi croquettes: invenções, experiências e práticas de si. Masculinidades e feminilidades vigiadas**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.